



O ARAUTO

DA SANTIDADE

Criticada por negligência social, a igreja de após Pentecostes decidiu recrutar auxiliares. Basicamente, competiria a estes "servir às mesas". Que habilitações esperaríamos de tais pessoas?

Surpreende o requisito exigido pelos apóstolos. Os candidatos às sete vagas deviam ser indivíduos "de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria" (Actos 6: 3).

Não estaria a igreja pedindo demais para trabalho que sugere credenciais menos ambiciosas? Se lêssemos hoje tais requisitos nos anúncios classificados do jornal diário, diríamos que por certo houve

erro de composição: o título *Precisam-se—Místicos* foi desastrosamente trocado por *Precisam-se—Criados*.

Quem se lembraria agora de ir para muito além da primeira exigência—boa reputação—, na procura de indivíduos "para servir às mesas"? A posição implicava labor físico e honestidade na distribuição de esmolas. Nada sensacional.

As outras duas exigências dos apóstolos parecem exageradas: místicas e académicas demais para um trabalho de assistência social patrocinada por grupo minoritário.

Somos forçados a reexaminar os nossos padrões. Have-

rá qualquer trabalho, por mais prático que seja, que possa dispensar o Espírito Santo e o concurso de uma preparação válida?

Para a Igreja Primitiva o batismo com o Espírito não era privilégio exclusivo de certos indivíduos, mas requisito básico para todos os fiéis.

Quando formos tentados a olhar com nostalgia para os milagres, a união e as conversões em massa da primeira igreja, lembremos algo que traduz o segredo do seu êxito: ela pregava, pedia e esperava que seus membros, além de esclarecidos, fossem também cheios do Espírito Santo. □

—Jorge de Barros

CRENCIAIS DO CRIADO



O milagre do pentecostes



—George Coulter
Superintendente Geral

O livro de Actos está repleto de excitação. Descreve o nascimento de uma época. Anuncia o começo de uma era completamente nova. O Pentecostes marcou a alvorada de um novo período—o período do Espírito.

No Pentecostes ocorreram muitos acontecimentos sobrenaturais e efeitos secundários. Mas “o grande milagre” que sobrepujou os outros consistiu em que “todos foram cheios do Espírito Santo” (Actos 2:4).

Foi o enchimento do Espírito que satisfaz a necessidade principal dos que permaneceram no cenáculo. Sendo repletos do Espírito Santo aqueles 120 crentes ficaram numa condição de inteireza e perfeição espiritual que nunca antes tinham sentido.

Porque “todos foram cheios do Espírito Santo”, a sua pregação se tornou poderosa e o seu testemunho, dinâmico. As atitudes egocêntricas e a ambição de poder e lugares de destaque foram expurgadas do seu íntimo, até formarem um só coração e uma só alma (Actos 4:32).

Por causa do enchimento do Espírito, aqueles primeiros cristãos ficaram cientes da suficiência espiritual que os capacitou a encarar, com equilíbrio e coragem, todas as situações da vida. A plenitude do Espírito dá vitória sobre as pressões exercidas pelo mundo exterior.

Durante o período entre a Páscoa e o Pentecostes, os pastores e evangelistas da Igreja do Nazareno dão ênfase, nos sermões, à obra graciosa da santificação pelo Espírito Santo. Têm-no feito não simplesmente como aderência a um mandato imposto pelos dirigentes. Fazem-no movidos por uma convicção interior de que a plenitude do Espírito é, hoje, a necessidade básica do coração humano.

O milagre do Pentecostes precisa de ser repetido. Os crentes cheios do Espírito ficarão livres do conflito interior da mente carnal e prontos a fazer a Sua santa vontade com alegria e poder. Anunciemos que o Espírito Santo está esperando “encher” os corações dos seguidores de Cristo e tornar as suas vidas frutuosas no Seu serviço. □

O ARAUTO DA SANTIDADE

H. T. REZA, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director
M. ODETTE PINHEIRO, Redactora
DANIEL D. GOMES, Ilustrador e Revisor
ROLAND MILLER, Artista
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES, Administradora

Volume VII 15 de Maio de 1978 Número 10

O ARAUTO DA SANTIDADE é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente pela Junta Internacional de Publicações—Português—da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.00. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE is published semi-monthly by the International Publications Board—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, U.S.A. Subscription price: \$2.00 a year in advance; single copy, 10 cents. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.

santidade para o homem contemporâneo

A experiência e consequente vida de santidade é tanto para os cristãos do nosso tempo como foi para a Igreja Primitiva. É a experiência permanente entre as coisas passageiras da vida. É tão significativa para a vida moderna diária, como foi para os chamados "bons tempos antigos".

Santidade e Mudança

Se existe alguma palavra que possa definir a geração de que fazemos parte, é *mudança*. Qualquer que seja a nossa idade cronológica, o mundo em que estamos não é o mesmo em que nascemos. Há tantas mudanças que chegam a atordoar-nos. Os nossos filhos encaram situações e modos de vida para além da nossa compreensão. Mas ainda as suas necessidades fundamentais são as mesmas. Um coração santificado é tão necessário e benéfico hoje como há trinta anos.

Não é fácil lidar com um mundo em contínua evolução. Já não é possível encontrar um sulco no caminho e segui-lo durante o resto da vida.

Um mundo progressivamente menor torna nossos vizinhos pessoas e lugares completamente desconhecidos. Pelo contrário, um mundo que se torna mais vasto arrasta-nos para lugares estranhos e maravilhosos. A maneira moderna de viver põe-nos em contacto como um caleidoscópio de estilos de vida.

É necessário um coração santo para se manter equilíbrio e boa orientação. A instrução, poder e direcção do Espírito Santo devem ser de máxima importância para podermos chegar ao fim com êxito.

O nosso próprio modo de vida muda com demasiada frequência. Por exemplo, se já vivemos meio século, passámos de estradas de terra batida para gigantescas auto-estradas, da embraiagem de pedal para a transmissão automática.

Se já vivemos um quarto de século, passámos dos carros de corrida para os aviões supersónicos.

Se apenas vivemos 15 anos, assistimos à conquista do espaço nos anos sessenta e, nos anos setenta, à ênfase dada aos fenómenos psíquicos.

A Igreja também tem mudado. Afastaram-se velhas animosidades e preconceitos. Comunhões que antes tinham algo a dizer acerca de outras, agora têm algo a dizer umas às outras.

Os nossos lares modificaram-se. Como exemplo basta citar que Hollywood se mudou de cinema local para as nossas casas, com todas as suas consequências.

Este mundo em mudança urge os cristãos a fazerem escolhas santas. A capacidade de dizer "não"

ou de escolher o melhor é absolutamente indispensável. A santidade bíblica opera isto na vida do povo de Deus, e fá-lo tão realisticamente agora como o fez em tempos passados.

Em João 17, quando Jesus orou pela santificação dos Seus, também pediu por todos nós. Assim como a graça santificante operou nos discípulos, operará do mesmo modo nas nossas vidas.

Santidade e Carácter

Preferiríamos que as coisas fossem claramente definidas em termos de preto e branco, mas a vida não é assim tão simples. As experiências complexas distribuem-se por todas as tonalidades de cinzento.

A nossa época tem-se caracterizado pela corrupção do carácter, tanto nas posições de destaque como entre as pessoas comuns. A ética de situação constitui a regra fundamental para muita gente. A moralidade definida é, com frequência, lançada pela borda fora. O rubor da vergonha desapareceu em muitos círculos.

Ainda há quem fale dos "bons tempos antigos", mas poucos desejam sinceramente voltar atrás. A verdade é que as pessoas boas de hoje são tão boas como as do passado, e as pessoas más também são tão más como anteriormente. A propensão para o pecado pode mudar de cor, mas não de carácter; a sua apresentação muda, mas a sua definição é a mesma. Contudo, se o seu carácter ainda hoje é o mesmo, também o é o poder de Deus para o purificar. O homem contemporâneo pode ser tão santo como o foram os seus antepassados.

Santidade e Crise

Para milhares de pessoas através do mundo a vida não passa duma sucessão de crises tanto no aspecto cultural, económico e físico, como no espiritual.

O homem contemporâneo precisa duma experiência vital para enfrentar as crises do dia-a-dia. A santidade bíblica também opera neste campo. Quer a crise venha das relações com o próximo, quer brote dentro de si mesmo, o poder do Espírito Santo é adequado para as suas necessidades.

Um cristão recém-santificado procurou-me certo dia, para exprimir o seu temor acerca de um problema. Parecia que sempre que determinado parente o vinha visitar, tinham uma discussão. Era um verdadeiro conflito de personalidades.

Agora o meu interlocutor fora santificado, mas receava que, quando o parente o voltasse a visitar, perdesse a experiência de santidade no calor da discussão que seria inevitável.

Procurei encorajá-lo dizendo que a graça de Deus é dada para cada dia, e que no tempo devido ele teria a graça suficiente para a sua necessidade. No entanto, ele continuou receoso.

Então, certa manhã veio ter comigo, todo sorridente, com as simples mas vitoriosas palavras: "Tu-do correu bem; não houve problemas!"

A santidade é para o homem contemporâneo, qualquer que seja a necessidade e onde quer que se manifeste. □

— John W. May

SERVINDO O POVO

—H. T. Reza

Li no jornal parte de um discurso político que revelava os planos para capturar por plebiscito a presidência da república dum país nortenho.

O plano tinha, ou melhor dito, tem por objecto, segundo o político, "realçar a importância do indivíduo, pondo de parte as credenciais do partido e formas tradicionais de voto". Por outras palavras, temos de nos abeirar não das organizações, mas do povo, do indivíduo.

Isto leva-me a pensar no erro

que a igreja, às vezes, comete, procurando colectividades e não indivíduos, sociedades e não membros particulares. O evangelho de Jesus Cristo dirige-se, principalmente, ao indivíduo. É certo que os pastores de Belém verificaram juntos a revelação da estrela e o canto angélico, mas cada um foi movido individualmente, pelo impacto dessa revelação.

O homem nasce e morre por si só, não como colectividade. Ao encontrar-se com Deus fá-lo pessoal e directamente. Ninguém se salva em massa, embora a mensagem seja proclamada às multidões. O reino de Deus tem uma porta estreita e todos entramos por ela, um a um.

Assim, a igreja deve servir onde vive o povo. Uma das verdades incontrovertíveis de hoje é que os centros principais de população se encontram nas metrópoles, para onde corre a gente deixando a casa rural com o seu pedaço de

terra e árvores frutíferas.

Para servir a comunidade nas cidades é necessário um ministério apropriado a esse ambiente. O pastor deve possuir preparação intelectual, conhecimentos, absorção do processo social, além duma experiência de salvação clara e definida, bem como uma férrea determinação de se aproximar do povo, coisas vitais no programa de desenvolvimento da alma evangélica.

Isto não quer dizer que tenhamos de nos esquecer das regiões longínquas de qualquer país. O evangelho é para todos sem distinção. Mas, sim, que devemos buscar o modo de atrair quantos estejam ao nosso alcance, no menor tempo possível, porque o fim está próximo.

Fomos chamados, como igreja, para servir o povo, não instituições. A mensagem evangélica ainda é: "Se alguém tem sede, venha a mim, e beba" (João 7: 37). □



“Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos, e a todos os que estão longe; a tantos quantos Deus nosso Senhor chamar” (Actos 2:39).

a promessa do pentecostes

—Clayton Bonar



Actualmente o poder é procurado, comprado e vendido como qualquer mercadoria. A dona de casa tem à sua disposição mais potencial mecânico e electrónico que todas as gerações passadas. Os homens de negócios falam constantemente desta era extraordinária de tecnologia. Os políticos regozijam-se de ter poder capaz de dominar o mundo inteiro.

No entanto, poucos, muito poucos, verificam o poder que se obtém na experiência do batismo com o Espírito Santo. É como fogo consumidor que purifica do pecado, da imundície, do egoísmo . . . Como se realiza tal pureza de coração?

Jesus disse: “E eis que sobre vós envio a promessa de meu Pai . . .” (Lucas 24:49). “E, estando com eles, determinou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, que (disse ele) de mim ouvistes” (Actos 1:4).

Naquela altura os discípulos estavam nervosos e inquietos. Os acontecimentos dos dias anteriores e a incerteza do futuro levaram-nos a perguntar ao Mestre quando estabeleceria o reino de Israel. A resposta do Senhor é o grande desafio para a Igreja de todos os tempos: “Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo” (Actos 1:8).

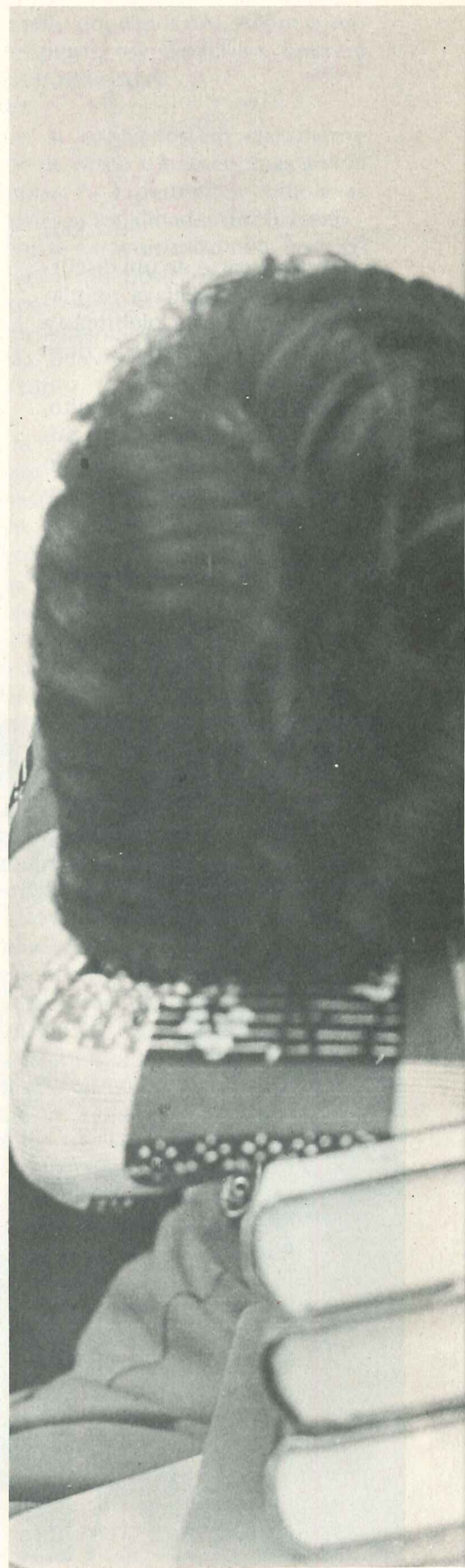
Depois da ascensão de Jesus começou a espera. Os discípulos prepararam-se em oração. Ao cumprir-se a promessa, a igreja recebeu tal poder que o mundo inteiro ainda não recuperou do golpe que recebeu nesse dia. As forças satânicas continuam, mas o poder do Espírito Santo é a arma mais poderosa para as combater.

O cristão cheio do Espírito é “radioactivo”, isto é, tem poder e irradia-o. É firme, de convicções profundas. Não se envergonha.

Tal poder é contagioso e purificador. Não o podemos medir, mas vemos-lo manifestar-se. Foi profetizado no Velho Testamento, João Batista preparou o caminho para a Sua vinda, e é experiência pessoal que se obtém através da fé e da oração (Lucas 11:13).

O mundo mudou, mas a condição pecaminosa do homem continua a mesma. Precisa do perdão dos pecados e da purificação de toda a mancha do pecado herdado, pelo poder santificador do Espírito Santo.

Como teria sido interessante assistir à descida do Espírito no dia de Pentecostes! Todavia, todos podemos experimentar hoje mesmo, na era espacial, o que aqueles 120 experimentaram. O poder purificador do Espírito Santo não se limita a um dia, nem a uma raça, nem a uma nação. É poder actual para todos os cristãos que esperam com paciência: “Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos, e a todos os que estão longe; a tantos quantos Deus nosso Senhor chamar” (Actos 2:39). □



universidade— túmulo ou ferramenta?



Certa vez um eminente líder da nossa igreja perguntou a respeito de um jovem que, entrando na Universidade, perdeu a fé: "Teria sido a igreja bondosa para com ele?" Que tem acontecido a esses que perdem a sua experiência e fé ao entrar para a Universidade?

1. Falta de compreensão por parte da igreja, de alguns dirigentes e crentes.

Quando lhe surgem as primeiras dúvidas, ele é tratado de modo áspero. Acusam-no de presunçoso. Está fingindo dúvidas só para parecer intelectual — afirmam muitos. Falta-lhe, assim, um ambiente onde possa "desabafar". Falta-lhe, por vezes alguém que não tenha apenas um bom coração, mas uma boa cabeça, a quem apresente, sinceramente, as suas dúvidas. Elas aumentam. Mais dia menos dia, "cai fora".

2. Ausência de convicções firmemente alicerçadas, de uma experiência real vivida com Cristo.

Em via de regra, o jovem universitário tem convicções superficiais. Sua fé é de segunda mão, fruto de uma educação religiosa, da influência do lar ou da igreja, do resultado da vigilância dos pais ou do interesse do pastor ou professor da Escola Dominical. Sem raízes, ao entrar para a Faculdade, as suas convicções não resistem aos primeiros vendavais.

3. Atitude incorrecta perante as dúvidas.

Nenhuma anormalidade existe na dúvida em si ou no seu aparecimento. O problema existe no modo como ela é tratada. Aliás, o lema de K. Marx era: "Duvidar para ter certeza".

Para o jovem universitário, sobretudo se é detentor de uma fé de segunda mão, a atitude perante a dúvida resume-se a: Eu duvidei, logo é falso. Raras vezes ele encara a dúvida de modo positivo. Nega a possibilidade de haver uma resposta satisfatória para a sua inquirição. Muito menos diligência no sentido de obter essa resposta. Assim, a acumulação de dúvidas acaba rompendo com os últimos redutos de uma fé tradicional e rasa.

O facto de muitos jovens terem passado por universidades de todo o mundo, permanecendo fiéis a Deus e saído com uma fé bem mais robusta, atesta ser possível a vitória.

Muitos têm organizado dentro da própria faculdade reuniões de estudo bíblico com os colegas e têm ganho muitos deles para Cristo. Outros, depois de passarem pela fornalha, saíram com uma experiência melhor.

Cabe ao jovem e àqueles que estão directamente ligados com ele no campo espiritual, o exame sincero e honesto de suas atitudes, experiência e fé. Assim, a Universidade, longe de ser um túmulo para a fé do jovem, será uma ferramenta válida para a causa do Senhor. □

J. S. Monteiro Fortes — Belo Horizonte, Brasil



A chamada de Deus é a manifestação no tempo do Seu propósito na eternidade: "E aos que predestinou a estes também chamou". Os crentes são "aqueles que são chamados por seu decreto". Na Sua chamada, Ele revela os Seus pensamentos e propósito para nós e qual a vida a que nos convida. Na Sua chamada, Ele nos esclarece quanto à esperança da nossa chamada; e, ao conhecermos e assimilarmos isto, a nossa vida neste mundo será reflexo do Seu propósito na eternidade.

Para apontar o objecto ou alvo da nossa chamada, as Escrituras Sagradas empregam mais de uma palavra, mas nenhuma mais frequentemente do que esta, usada por Pedro na sua epístola: Deus nos chama a sermos santos como Ele é santo. Paulo dirige-se aos crentes como "os chamados santos" (Rom. 1:7 e I Cor. 1:2). "Não nos chamou Deus", diz Paulo, "para a imundícia, mas para a santificação" (I Tes. 4:7). Quando ele escreve: "E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo", acrescenta: "Fiel é o que vos chama, o qual também o fará" (I Tes. 5:23, 24). A chamada em si é descrita como "uma chamada santa". O propósito eterno, do qual a chamada resulta, está continuamente ligado à santidade como seu objectivo: "Como também nos elegeram n'Ele . . . para que fôssemos santos e irrepreensíveis" (Efé. 1:4); "Por vos ter Deus elegido desde o princípio, para a salvação em santificação do Espírito" (II Tes. 2:13); "Eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito" (I Ped. 1:2). A chamada é a revelação do propósito em que o Pai havia posto o Seu coração: que fôssemos santos.

Não carece de prova que é de suma importância conhecer bem aquilo para que Deus nos tem chamado. Uma falta de compreensão aqui pode provocar resultados fatais. Podes ter ouvido que Deus nos chama para a salvação ou para a felicidade, para recebermos perdão ou ganharmos o céu, e nunca teres notado que estes são subordinados: a chamada é para a salvação em santificação; é para a santidade, primeiramente—o elemento em que se encontra a salvação e o céu. A queixa de muitos crentes de falta de alegria e força, de falhas e pouco desenvolvimento espiritual, deriva somente do seguinte: o lugar que Deus deu à santidade na Sua chamada não recebeu deles o lugar cor-

Como é santo aquele que vos chama, sede vós também santos. Sede santos, porque eu sou santo.

—I Pedro

A CHAMADA DE DEUS

respondente na aceitação desta chamada. Deus e eles nunca entraram num acordo quanto a isto.

Não é de admirar que o apóstolo Paulo, no mesmo capítulo em que fala aos Efésios da sua eleição n'Ele, "... que fossem santos", ore "para que o Deus do nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê em seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação . . . para que saibais qual seja a esperança da sua vocação". Convém que todos nós façamos a mesma oração. Peçamos que Deus nos revele que, como é santo Aquele que nos chamou, havemos nós de ser santos também; que a nossa vocação é uma chamada santa, uma chamada suprema e, mais excelente, uma chamada à santidade. Peçamos que Ele nos mostre o que é a santidade: a d'Ele primeiro e, então, a nossa; que nos mostre quão intensamente Ele deseja ver em nós esta santidade, como a Sua imagem e semelhança; que nos mostre também a indescritível bem-aventurança e a glória de participarmos com Cristo da Sua santidade. Oh! Que Deus nos ensine, pelo Seu Espírito, a profundidade do significado da nossa chamada para sermos santos como Ele é santo! Tal compreensão exerceria uma influência revolucionária sobre nós e as nossas vidas.

"Como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos." Eis o verdadeiro motivo da santidade: "Sede santos, porque eu sou santo". É como se Deus tivesse dito: "A santidade é a Minha bem-aventurança e a Minha glória; sem esta não podereis ver-Me ou desfrutar da Minha presença. A santidade é a Minha bem-aventurança e a Minha glória: não se pode conceber nada mais sublime, nada mais transcendente; e Eu vos convido a compartilhá-la Comigo, Eu vos convido à minha semelhança: "Sede santos, porque eu sou santo". Não é suficiente? Não vos atraí? Não vos move esta esperança de estardes Comigo, de compartilhardes a Minha santidade? Melhor não posso oferecer. Eu vos ofereço a Mim mesmo. Sede, pois, santos, porque eu sou santo". Não havemos de suplicar fervorosamente que Deus nos revele a glória da Sua santidade, para que as nossas almas almejem a realização nelas desta chamada maravilhosa e, para isso, se prontifiquem a abandonar, a expulsar, a destruir tudo quanto obste tal realização?

"Como é santo aquele que vos chama, sede vós também santos". Assim, também, a chamada revela a natureza da verdadeira santidade: "Como Ele é santo, sede vós também santos". Ser santo é ser como Deus; é ter uma disposição, vontade e carácter como os de Deus. Este pensamento parece o cúmulo de presun-

ele que vos chamou,
santos, em toda a vossa
vida, porque quanto está escrito:
que eu sou santo.

1 João 1:15, 16

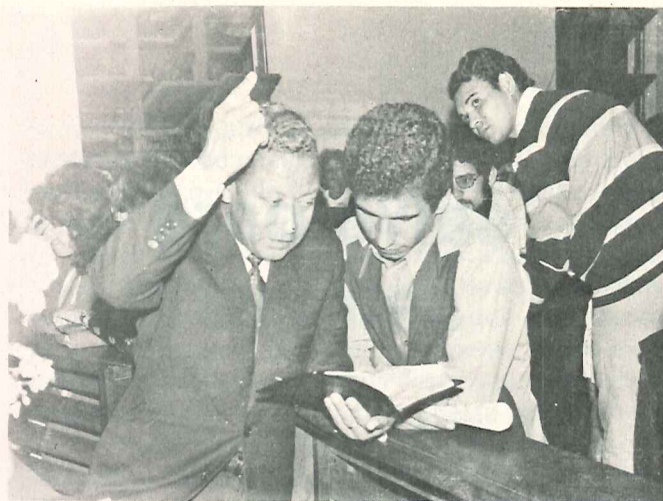
DEUS À SANTIDADE

ção e o sumo de blasfêmia, até ouvirmos, de novo, a palavra de Deus: "Como também nos elegeu n'Ele . . . para que fôssemos santos". Em Cristo a santidade de Deus se revelou na vida humana; no exemplo de Cristo, na Sua mente e no Seu Espírito, temos a santidade do Invisível traduzida nas formas e conduta da vida humana. Ser como Cristo é ser como Deus; ser como Cristo é ser santo como Deus é santo.

A chamada revela-nos o poder da santidade. Não há santo, senão o Senhor; não há santidade além daquela que Ele tem ou, antes, que Ele mesmo é e dá. A santidade não é algo que nós fazemos ou adquirimos por nós mesmos: é a comunicação da vida divina, é a inspiração da natureza divina, é o poder da divina presença pousando em nós. O poder de nos tornarmos santos acha-se na chamada de Deus: o Santo chama-nos a Si mesmo, para que nos torne santos possuindo-Se a Si mesmo em nós. Ele não somente diz: "Sou santo", mas também: "Eu, o Senhor que vos santifica". Porque esta chamada procede de Deus, infinito em poder e amor, podemos confiar na possibilidade de sermos santos.

A chamada revela, de igual modo, o padrão, ou nível, de santidade. Como Ele é santo, sede vós também santos. Não há um padrão de santidade para Deus e outro para o homem. A natureza da luz é a mesma, seja ela a do Sol ou a da chama de uma vela; a natureza da santidade é imutável, seja a de Deus ou do homem em quem Deus habita. O nosso Senhor Jesus Cristo não podia dizer nada menos do que: "Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus". Quando Deus nos chama à santidade, Ele nos chama a Si mesmo e à Sua própria vida. Quanto mais cuidadosamente escutarmos a Sua voz e a deixarmos penetrar os nossos corações, mais irão caindo os níveis e padrões humanos, até ficarem somente as divinas palavras ecoando nas profundezas do nosso íntimo: "Santos, como Eu sou santo".

A chamada indica-nos o caminho para a santidade. Esta chamada de Deus é poderosa. Ouçamo-la. Escutemos ao Senhor e Ele efectuará em nós o que promete. A Sua chamada dá vida aos mortos e santidade aos revivificados. Ele nos chama a que prestemos atenção às Suas palavras a respeito da Sua e da nossa santidade, semelhante à d'Ele. Ele nos chama a Si mesmo, para que estudemos, para que temamos, para que amemos, para que proclamemos, para que nos apropriemos da Sua santidade. Ele nos chama a Cristo, no Qual a santidade divina se tornou a santidade humana, para vermos e admirarmos, para desejarmos e aceitarmos tudo



o que nos é oferecido. Ele nos chama à habitação e ao ensino do Espírito, a que nos ofereçamos a nós mesmos como sacrifícios vivos, para que Ele possa comunicar-nos o que é propriamente nosso em Cristo.

Cristãos! Venham ouvir e aprender o que é a Sua santidade e o que a vossa também deve ser. Sim, aquieta-te, escuta. Quando Deus chamou Abraão, o patriarca respondeu: "Eis-me aqui". Quando, da sarça ardente, Deus chamou Moisés, este respondeu: "Eis-me aqui" e cobriu o seu rosto, porque temeu olhar para Deus. Deus te chama à santidade, a Si mesmo—o Santo—, a fim de que te possa fazer santo. Que a tua alma responda neste momento: Eis-me aqui. Fala, Senhor. Revela-Te. Desvenda os meus olhos". Ao escutar, a voz tornar-se-á mais distinta e a visão mais clara; ouvirás uma voz saindo da imensidão da eternidade, da sala do Trino Concílio da Redenção; e, ao apanhar o sussurro distante, discernirás: "Sede santos, porque Eu sou santo"; ouvirás a voz do Sinai, no meio de trovoadas e relâmpagos, dizendo: "Sede, pois, santos, porque Eu sou santo"; ouvirás uma voz do Calvário, afirmando ainda mais claramente: "Sede, pois, santos, porque Eu sou santo".

Filho de Deus, já compreendeste que o nosso Pai nos chama a Si, para sermos santos como Ele é santo? Temos de confessar que estimamos a comodidade acima da santidade e a salvação acima da santificação? Não é tarde demais para se corrigir este erro. Unamo-nos em escutar a voz que nos chama e em descobrir e conhecer o que é a santidade, ou, antes, em descobrir e conhecer o Santo. E, se a nossa aproximação d'Ele nos encher de vergonha e confusão, nos fizer temer e querer retirar-nos da Sua presença, paremos um pouco e ouviremos, de novo, a Sua chamada, dizendo não somente: "Sede santos, porque Eu sou santo", como também: "Fiel é o que vos chama, o qual também o fará". Todos os nossos temores e dúvidas desaparecerão na presença d'Aquele que nos revelou a Santidade, com o propósito único de nos fazer participantes dela. Ao apresentar-nos perante Deus, para ouvirmos a voz santa que nos chama, despertar-se-ão em nós um desejo novo e uma fé forte, e as Suas promessas preciosas serão para nós a palavra divina do comando: "Sede, pois, santos, porque Eu sou santo". □



salvo para sempre?

—Amadeu A. Teixeira*

Acabo de chegar do consultório médico. Há dois anos, procurei-o devido a estarem inflamadas as minhas amígdalas.

“Você deve ser operado. Terá, portanto, de fazer os seguintes exames . . .”, disse-me o médico, dando-me uma lista e encaminhando-me para outra clínica.

Após os exames fui considerado “apto para ser operado”. Por várias razões e, porque me sentia bem, não me internei para ser operado.

Passou-se o tempo . . . As amígdalas tornaram a inflamar. Voltei ao médico.

Apesar de todos os exames dizerem “apto para ser operado”, tive de os repetir, pois tinham perdido a validade e o hospital não me aceitava.

Lembrei-me da vida cristã. Quantas pessoas pensam que por nascerem num lar cristão já têm a salvação assegurada! Quantas julgam que, uma vez salvas, conseguiram passaporte para o céu! E com esta convicção vivem pecando, pela prática de coisas hediondas. Mas que decepção quando chegarem à presença do Médico divino e Ele disser: “Filho, este exame (experiência) que você teve, era válido somente no passado. Era necessário que mantivesse uma vida santa, pura e sem mácula. Mas você permitiu que os micróbios do pecado penetrassem no seu ser. Neutralizaram os anticorpos do Espírito. Você não procurou viver uma vida de santidade” (I Pedro 1:15).

Amado irmão em Jesus Cristo, você que está salvo, guarde-se de pecar contra Ele. Não permita que os micróbios do mal penetrem na sua vida, lar, trabalho, colégio, faculdade, etc. Procure andar sempre na luz . . .

No meu caso, os exames do passado não tiveram valor no presente. Não acontecerá o mesmo na vida espiritual?

*Mesquita, Rio de Janeiro

pentecostes

Duas opiniões se formaram naquele dia já longínquo, quando os discípulos receberam a "Promessa do Pai". Os primeiros opinantes diziam: "Que quer isto dizer?" Os segundos—os zombadores—diziam: "Estão cheios de mosto". Estes dois grupos têm sobrevivido até hoje. Ainda podemos notar a presença nítida deles em todos os lugares.

Os primeiros procuraram saber o que significava aquela manifestação. Havia um sentimento mais elevado nesse primeiro grupo. Eles procuraram conhecer o seu significado. Cremos que estes estavam entre os três mil que aceitaram Jesus como Salvador nesse dia da operação inaugural do Espírito Santo.

O perguntar, o inquirir, o indagar demonstra interesse e é importante que saibamos o que se passa à nossa volta. Atitude semelhante tiveram os bereanos e, por isso, mereceram uma menção especial da parte de Paulo. Quando ouviram o que se lhes dizia, consultavam as Escrituras para verem se tais palavras eram verdadeiras (Actos 17:11). Paulo disse que os de Bereia tinham sido mais nobres que os de Tessalônica. Ele achou que era um acto de nobreza indagar a verdade. Certamente que é, quando é procurada no seu próprio caminho. Estamos a encarar muitas verdades falsificadas no tocante à Palavra de Deus, mas a maneira mais eficaz de as conhecer é aferi-las com as Escrituras Sagradas.

Zaqueu é um exemplo dos do primeiro grupo. Logo que o Senhor o chamou, desceu imediatamente do seu poleiro e confessou que uma mudança se tinha operado na sua vida. Aqueles a quem ele tinha roubado viram os efeitos dessa mudança; e os pobres aos quais ele tantas vezes dissera "não tenho nada para vos dar", também provaram a veracidade do facto. Assim acontece sempre que haja disposição sincera de conhecer a verdade.

Os outros entraram logo a cogitar maleficamente e não encontraram outra alternativa senão a de que os discípulos se encontravam embriagados. Tais pessoas procedem levemente e são incapazes de uma apreciação sincera e devota da obra do Espírito

Santo. Por isso, atribuíram o que viram e ouviram à tensão provocada pelos efeitos do vinho. Assim procedeu Festo, quando disse a Paulo: "As muitas letras te fazem delirar" (Actos 26:24). Assim procederam os judeus da Ásia quando acusaram Paulo de sedicioso e blasfemo; assim procedeu Ismael para com Isaque e, da mesma forma, em todos os tempos, procedem aqueles que têm uma mente carnal e só pensam em satisfazer os seus desejos pecaminosos. Paulo, referindo-se a uma classe dessa gente, disse: "... Andam... na vaidade do seu sentido, entenebrecidos no entendimento, separados da vida de Deus pela ignorância que há neles, pela dureza do seu coração; os quais havendo perdido todo o sentimento, se entregaram à dissolução, para com avidez cometerem toda a impureza" (Efésios 4:17-19).

O acontecimento pentecostal foi algo fora do comum e podemos dizer que ainda o é, porque ele continua a operar. Merece ser estudado com ponderação e determinação por todos os homens, principalmente os que se confessam cristãos.

Aparecerão zombadores e indiferentes como outrora. De resto, temos verificado em certas congregações que, quando um crente, num transporte de gozo celeste, testifica com lágrimas e conta a maneira maravilhosa como Deus o santificou, ou canta um coro com unção, é logo taxado de fanático ou hipócrita.

Este é o mesmo mundo de zombadores, mas não importa o que podem dizer de ti, irmão. Testifica porque é bom que todos saibam que, apesar da indiferença e da mofo, Deus continua com a Sua obra renovadora no coração dos homens de boa vontade.

Uma nova sociedade se formaria, com novos propósitos e nobres decisões se todos procurassem ganhar o título de "homens de boa vontade".

Será assim contigo, caro leitor, relativamente à tua salvação? Procura exercitar essa "boa vontade", vontade de conhecer a Deus nas Suas multiformes manifestações. □

—Francisco X. Ferreira



Deseja receber **O ARAUTO DA SANTIDADE?**

Faça HOJE a sua assinatura! Se é assinante e mudou de residência, dê-nos o

Endereço antigo

Nome _____

Endereço _____

NOVO ENDEREÇO

PRÊMIO DA INTEGRIDADE

As seguintes palavras cativaram a minha atenção: "Seja recto o meu coração para com os teus estatutos, para que eu não seja confundido" (Salmo 119:80).

Parece que o Salmista encontrava obstáculos na sua vida espiritual, pois pedia com frequência a Deus protecção, inspiração e ajuda, por causa do ataque dos seus inimigos.

Paulo diz que não lutamos contra o sangue e a carne, mas contra os inimigos das regiões celestiais, contra o Adversário comum, a quem penso que só poderemos vencer sendo íntegros.

Vivemos numa época em que este vocábulo parece algo utópico ou fantástico. A integridade parece coisa de um conto de fadas. Alguns afirmam que para agradar a Deus basta crer em algo e mostrar um espírito sincero. Mas, de que serve ser sincero numa crença, se não nos dá qualquer esperança de vida eterna? Perante Deus só conta um coração íntegro para com Ele; e, então, envia-lhe o espírito de sabedoria, para que aprecie com maior clareza o grau de integridade que Ele requer.

Deus deseja que o homem seja íntegro para com a verdade, a qual devemos amar por emanar do próprio Deus. A verdade foi

uma incógnita para Pilatos, mas uma realidade para Jesus. Será essa verdade que temos de usar, mesmo sacrificando a própria vida como os antigos mártires do cristianismo.

Esta verdade deve sentir-se como sentimos uma dor ou a circulação do sangue nas veias. Faltar à verdade deve ser algo parecido a deixar de respirar, como se nos faltasse o ar. Temos de obedecer à verdade, porque é mandato divino: "Deixai a mentira e falai a verdade, cada um

com o seu próximo; porque somos membros uns dos outros" (Efésios 4:25).

Qual será o prémio da integridade? Daví dá-nos a resposta: "Para que eu não seja confundido". Quantas vezes o inimigo se esconde na casa dum amigo para nos fazer cair com uma fútil tentativa! Outras ocasiões somos objecto de ideias erradas por parte dos amigos e companheiros de trabalho. É até provável que algumas vezes conversemos com irmãos que deturpam, por ignorância, as Escrituras; mas em tais casos a promessa bíblica é uma realidade—"não seremos confundidos".

De vez em quando devemos perguntar-nos se somos íntegros e agir, com sinceridade, segundo o que no nosso interior sabemos que somos.

José suportou afrontas. Noé, o sarcasmo dos seus conterrâneos. Habacuque, a visão devastadora. Jesus Cristo, a cruz. Os apóstolos, perseguição e martírio. Por quê? Porque desejavam apenas glorificar a Deus com a sua vida e ser íntegros.

Imitemos o seu exemplo e sejamos íntegros perante Deus. O prémio da nossa integridade reside no presente: "Não seremos confundidos". □



—Vicente Longo

Recorte e envie este cupão à CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES. Nos E.U.A., P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141. No BRASIL, C.P. 1008, 13.100—Campinas, SP. Em CABO VERDE, C.P. 60, Mindelo, São Vicente. Em PORTUGAL, R. Castilho, 209, 5º E., Lisboa-1.

Para uma assinatura, envie a importância de US\$2.00 (ou o equivalente na moeda dos países de expressão portuguesa) para qualquer dos endereços acima indicados.

ESPÍRITO

Como disse Lord Bacon, "a experiência deve ser a prova da verdade". E a vida no Espírito resulta numa experiência-crise comprovada diariamente. Não basta ser salvo e, depois, dormir sobre tão maravilhosa bênção. É preciso sair por este mundo em contínua derrocada, reafirmando o nosso testemunho como prova da verdade.

O *Manual* da Igreja do Nazareno aponta a nossa crença nesta doutrina: "Cremos que a inteira santificação é aquele acto de Deus, subsequente à regeneração, pelo qual os crentes são libertados do pecado original, ou depravação, e levados a um estado de inteira devoção a Deus e à santa obediência do amor tornado perfeito" (X, 13). Para chegarmos ao grau do amor perfeito temos de começar pela regeneração ou novo nascimento. A vida de pecado não se coaduna com a do Espírito Santificador. Não podemos viver no reino de Deus sem ser novas criaturas, regeneradas e santificadas. Jesus o declarou abertamente: "O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito" (João 3:6), vincando bem a diferença entre o nascimento físico e o espiritual.

Nicodemos, interlocutor de Jesus, não estava apto a compreender tal linguagem. Por isso, foi com muita dificuldade que conseguiu penetrar a expressão nova da vida no Espírito. Desconhecia o Seu poder capaz de ultrapassar todas as barreiras e iluminar os caminhos mais tenebrosos. "Aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus" (João 3:5).

Ao falar da transformação da nossa natureza o bispo Foster comenta: "É a obra pela qual a vida espiritual é infundida na alma, produzindo frutos pacíficos de justiça, vencendo o pecado, resistindo às tentações e concedendo paz e alegria no Espírito". A regeneração é um acto instantâneo e gratuito "pela redenção que há em Cristo Jesus" (Romanos 3:24). No entanto, os cristãos que ainda permanecem com mente carnal, estão regenerados mas não santificados.

A santidade implica o exercício da graça. É obra do Espírito que santifica num novo Pentecostes. Não pode ser algo superficial, com determinadas limitações. Deus é Santo e deseja que também nós o sejamos: "Sede santos, porque eu sou santo" (I Pe-

SANTIFICADOR

—Acácio Pereira

dro 1:16). Jesus suplicou ao Pai esta preciosa bênção para os Seus discípulos: "Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade" (João 17:17). A Junta de Superintendentes Gerais da nossa igreja, no Discurso Quadrienal à Assembleia Geral de 1976, apelou para esta ênfase: "Oremos por um poderoso derramamento do Espírito Santo em avivamentos de santidade que conduzirão milhares à abençoada experiência da inteira santificação". Entretanto, não podemos produzir verdadeiros frutos de santificação se não estivermos unidos ao Mestre, como ramos à videira: "Quem está em mim e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer" (João 15:5).

"A inteira santificação é garantida pelo sangue de Jesus e realiza-se instantaneamente pela fé, precedida pela inteira consagração; e desta obra e estado da graça o Espírito Santo testifica" (*Manual* X, 13). Muitos cristãos procuram adiar esta segunda obra da graça até à hora da morte. Possuem ideias falsas. Estão convencidos que, enquanto neste mundo, têm de pecar continuamente por pensamentos, palavras e obras. E assim procedem. Ora se arrependem, ora transgridem; aqui se confessam, além desfalecem. Foi precisamente o que me aconteceu a mim durante muitos anos antes de me converter. Finney dizia a este respeito: "Ninguém pode ser cristão se não desejar ser santo com sinceridade, pois não pode ser amigo de Deus aquele que vive no pecado". A alma inteiramente santificada já expulsou o pecado inato e, quando Satanás ataca, não encontra brecha por onde penetrar.

Contra a opinião de muitos, a santidade é possível ainda nesta vida. Tu e eu, agora mesmo, podemos testificar dela. Pobres daqueles que a guardam para o último momento, ou para depois da morte! Confundem santidade com infalibilidade ou impecabilidade. Porém, a presença milagrosa do Espírito em nós é que santifica, dá força, paz e vitória. Torna o nosso testemunho positivo e convincente. Faz com que tenhamos uma vida de fé, oração e confiança no Senhor.

Para nos conservarmos santos, a Bíblia é a melhor armadura espiritual, pois é a Palavra revelada de Deus, a voz do Espírito Santificador. Há uma estrofe no hinário "Graça e Devoção" que diz:

*O Espírito já veio, minha alma o quer louvar.
Agora d'Ele cheio, vitória hei-de gozar,
Pois do pecado herdado Jesus limpou meu ser,
E vivo transformado. Glorioso amanhecer!*

Realmente é glorioso viver a santificação "sem a qual ninguém verá o Senhor". Paulo recomendava-a e, sobretudo, vivia-a. Façamos o mesmo. "Mas agora, libertados do pecado e feitos servos de Deus, tendes o vosso fruto para santificação e, por fim, a vida eterna" (Romanos 6:22). □

a caminho da inteira santificação

—J. José Zani

Creemos que a inteira santificação é aquele acto de Deus, subsequente à regeneração, pelo qual os crentes são libertados do pecado original, ou depravação, e levados a um estado de inteira devoção a Deus e à santa obediência do amor tornado perfeito (Manual X, 13).

A santificação não é uma experiência progressiva, mas um acto instantâneo. Apesar disso, existem bênçãos na prática da fé cristã que se confundem, muitas vezes, com a experiência que acabámos de apontar.

Quando Jesus subiu ao céu numa nuvem, os discípulos ficaram tão extasiados perante aquele magnífico espectáculo, que permaneceram com os olhos postos no céu. "Eis que junto deles se puseram dois varões, vestidos de branco, os quais lhes disseram: "Varões galileus, por que estais olhando para o céu?" (Actos 1:10-11).

Estavam maravilhados desse feito singular, mas não podiam ficar toda a vida nesse estado de contemplação. Tinham de descer o Monte das Oliveiras, percorrer o caminho até Jerusalém e esperar a promessa do Espírito Santo.

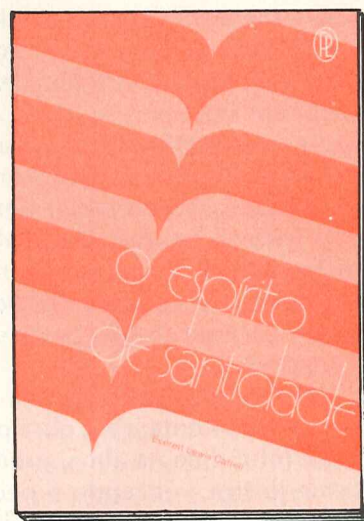
Muitas pessoas conformam-se com uma vida mística, de contemplação, olhando para Jesus. Admiram-nO, adoram-nO, mas não descem do idealismo para procurar a santidade prática de amor e serviço, a favor dos que não conhecem o Senhor Jesus como Salvador pessoal. As emoções têm muita influência na vida religiosa, chegam mesmo ao êxtase, mas não constituem a "bênção" da inteira santificação que Deus prometeu aos que Lhe obedecem.

Lucas 24:52 diz o seguinte: "E, adorando-o eles, tornaram com grande júbilo para Jerusalém". O júbilo não é sinal distintivo ou prova exclusiva de se ter recebido a experiência da inteira santificação. A alegria é um estado emocional que pode ser produzido por algum facto fortuito ou acontecimento feliz. Rejubilamos com o perdão dos nossos pecados, quando recebemos a paz de Deus no nosso coração. Sentimos alegria quando nos reconciliamos uns com os outros. Sentimos gozo quando permanecemos no caminho do dever e andamos na luz que possuímos. São bênçãos, mas não a "bênção".

Os discípulos obedeceram às indicações precisas e expressas do Senhor: "Ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder" (Lucas 24:40). Jesus sabia que precisavam do "poder" do Espírito Santo para a obra. Regressar a Jerusalém era duro para eles, pois lá se tinham verificado os acontecimentos cruéis e vergonhosos dos últimos dias, e, também, corriam risco as suas próprias vidas. No entanto, obedeceram. Puseram-se a caminho de Jerusalém e Deus cumpriu fielmente a Sua promessa, enviando o Espírito Santo no dia de Pentecostes.

Pode ser que você tenha recebido muitas bênçãos de Deus na sua vida cristã. Talvez esteja a caminho da inteira santificação e deseje, sinceramente, uma experiência vitoriosa. Convido-o a subir em oração ao aposento alto e esperar a "promessa do Pai", até que desça o Espírito Santo e santifique por completo o seu coração.

"E o mesmo Deus de paz voz santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis, para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é o que vos chama, o qual também o fará" (I Tessalonicenses 5: 23-24). □



Preço
U.S.
\$1.50

**Um livro dinâmico que
revolucionará a sua vida.**

Sete capítulos absorventes:

- I. O Elemento Tempo na Salvação
- II. A Santificação do Eu
- III. A Vida Controlada pelo Espírito
- IV. A Direcção do Espírito
- V. Orando no Espírito
- VI. A Unidade do Espírito
- VII. Definição do Amor

Encomende hoje o seu exemplar à
**CASA NAZARENA
DE PUBLICAÇÕES.**

✓ **É falta de reverência ou incorrecto levantar as mãos no culto e dar glória a Deus?**

A pergunta reflecte, evidentemente, oposição teológica aos que adoram a Deus da maneira que você descreve. Dar glória a Deus de certo modo não indica, necessariamente, que se está de acordo com determinada posição teológica.

A Bíblia afirma que a alegria é fruto do Espírito; alguém disse que se os frutos e as graças do Espírito vivem dentro de nós, de vez em quando assomarão à janela. As manifestações de alegria espiritual dependem, em parte, da personalidade do crente, do seu temperamento, cultura, condição física, estado emocional e, talvez, da ocasião (embora a alegria em si não dependa de qualquer destas coisas).

Portanto, a maneira de exprimir o nosso louvor será muito variada. Na Igreja Primitiva, quando os cristãos oravam, faziam-no "nas pontas dos pés", em direcção ao céu e com os braços em forma de cruz.

O mais importante é possuir a alegria do Senhor; a sua expressão, por conseguinte, deve ser espontânea, genuína e baseada numa vida cristã prática, à semelhança da de Cristo.

✓ **Por que é que os nazarenos dizem que é pecado beber um copo de vinho às refeições? É esta a posição da Igreja do Nazareno?**

O que dizem os nazarenos e o que diz, oficialmente, a Igreja do Nazareno é muito diferente. Esta verdade também se aplica a qualquer outra denominação. Por isso, devemos estudar as declarações oficiais e não as interpretações individuais.

Se um acto é pecado ou não, no sentido de culpabilidade e de transgressão à lei de Deus, depende em parte do grau de luz que se tenha recebido. Evitemos a todo o custo julgar os outros.

A Igreja do Nazareno reconhece que a Bíblia, aparentemente, apoia a temperança e não a abstinência total, mas aconselha claramente a não tomar bebidas alcoólicas (Provérbios 20:1; 23:20-21; I Coríntios 6:10). Se as modernas bebidas alcoólicas existissem nos tempos bíblicos, as Sagradas Escrituras teriam declarações específicas contra o seu uso e abuso.

Além das admoestações bíblicas, a igreja está ciente de que uma das maldições do nosso tempo é constituída pelo álcool e drogas intoxicantes. Muitos pecados da sociedade hodierna derivam do seu consumo.

Na última Assembleia Geral celebrada em Dallas, Texas, em Junho de 1976, votou-se a favor da inclusão no *Manual* da igreja da seguinte declaração: "Tanto as Escrituras Sagradas como a experiência humana condenam o uso de bebidas embriagantes . . . Abstinência total de toda a bebida embriagante é a regra cristã para o indivíduo" e para todos os crentes da Igreja do Nazareno.

Esta posição tem bases na doutrina bíblica de que o nosso corpo é o templo do Espírito Santo. Tudo o que prejudique ou destrua o corpo viola e opõe-se a esta divina morada.

✓ **Explique-me, por favor, o significado da palavra "selados" de Efésios 1:13.**

O escritor refere-se à herança final dos que estão em Cristo. É garantida pelo dom do Espírito Santo, que é o "penhor"—garantia, depósito—do que se receberá no fim da vida.

O crente é selado com o Espírito Santo da promessa, o que declara que a herança é genuína. Este acto de selar é muito diferente da fé, como selar uma carta é diferente de a escrever. A fé precede o acto de selar. Esta verdade está implícita nas palavras "tendo nele crido".

Estar selado pelo Espírito Santo significa ser possuído e controlado por Ele. Quando alguém se entrega completamente a Cristo, é selado, ou inteiramente santificado.

Esta experiência assegura que se pertence por completo a Cristo. A fé e o estar selado pelo Espírito não se podem separar, são como o dedo e o anel: "A fé é a mão que se aferra a Cristo; a segurança é o anel que Deus põe no dedo da fé".

Deus Pai é o que sela, o Espírito Santo é o selo (II Coríntios 1:21-22).

O coração que não se tenha entregue completamente a Cristo não pode receber o selo. Tem de ser "derretido" pelo amor de Deus, assim como a cera antes de receber qualquer impressão.

Este selo não é o batismo, nem a Santa Ceia, nem qualquer dom extraordinário. É o próprio Espírito Santo. Deus, por meio do Seu Espírito, imprime a Sua imagem no crente.

Tudo o que está relacionado com a obra do Espírito, incluindo os Seus frutos, opera no espírito do homem—porque "todos nós, com cara descoberta, reflectindo, como um espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor" (II Coríntios 3:18)—isto é, como reflexo da Sua imagem.

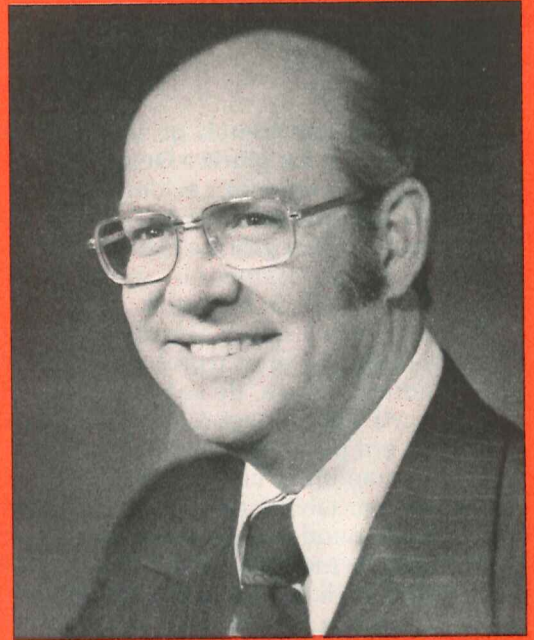
✓ **Se um crente cai da graça, tem de "nascer de novo" para restaurar o companheirismo e comunhão com Cristo?**

Com a expressão "nascer de novo" o Senhor Jesus descreveu a realidade da conversão do homem em nova criatura (João 3; I Pedro 1:23). Tem de nascer do Espírito, do alto.

Esta metáfora refere-se a uma relação com Deus que ultrapassa os limites humanos; por isso, não se pode explicar por meio de fenómenos naturais. Se forçarmos o significado da frase, chegaremos a concordar que se pode nascer terceira vez e muitas outras mais.

Contudo, é possível cair da graça ou perder a relação com Cristo (Mateus 18:34-35; Lucas 8:13; Romanos 11:20-22; I Coríntios 8:10-11; Gálatas 5:1, 4; I Timóteo 4:1; Hebreus 10:26-29); mas, graças a Deus, também pode ser restaurada.

O primeiro passo para isso é o arrependimento e a procura do perdão divino (I João 1:9). Quando estes actos são acompanhados de fé, de confiança e obediência, volta-se à relação com Deus que se desfrutava antes da queda espiritual. □



JOHN A. KNIGHT,
Autor, é Presidente da Faculdade
Nazarena de Betânia

À SEMELHANÇA DE CRISTO

Uma obra profunda sobre
o plano de Deus para um povo santo.



Preço U.S. \$2.00

Extractos do livro . . .

“ O desígnio de Deus para um povo santo não é uma chamada para a craveira de super-santo, mas um dom para todos os discípulos confiantes.

Esse destino tão elevado do homem em assegurar a imagem moral de Deus, está revelado na Bíblia tanto explícita como implicitamente.

A redenção provê mais que o perdão dos pecados e adopção na família de Deus.

Assim como não se pode viver indefinidamente só com uma respiração, também não se pode alimentar a vida espiritual só com um acto de fé. ”

A grande verdade da santidade de coração e vida está apresentada com clareza e fundamentada nas Escrituras. Um estudo que deve ser feito com a Bíblia aberta. “À Semelhança de Cristo” ajudará sobremaneira a compreender melhor a vida de santidade a que Deus chamou os Seus filhos.

Encomende hoje o seu exemplar à
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES